

Ficha Técnica

SUMÁRIO EXECUTIVO

Teste *Key for Schools* / Resultados 2014

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO

Helder Sousa | Sandra Pereira

AUTORIA

Helder Sousa

João Marôco

Maria Manuel Sampaio

Paula Simões

Sandra Pereira

Teresa Castanheira

EQUIPA TÉCNICA

Amália Costa

Ana Luísa Neves

Clara Carvalho

Margarida Borges

Julho 2014

Índice	3
1. Contexto do Projeto e aplicação do teste <i>Key for Schools</i>	4
1.1. Objetivos do projeto	4
1.2. Seleção do teste a aplicar	4
1.3. Modalidade e calendário de aplicação do teste	6
1.4. Caracterização do teste <i>Key for Schools</i>	6
2. Resultados do teste <i>Key for Schools</i>	7
2.1. Caracterização do público-alvo	7
2.2. Resultados globais nacionais	7
2.3. Resultados específicos dos alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade	9
2.4. Distribuição geográfica dos resultados dos alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade, por NUTS III	11
3. Considerações finais	14

Sumário Executivo

1. Contexto do Projeto e aplicação do teste *Key for Schools*

O Projeto *Key for Schools* PORTUGAL consistiu na aplicação de um teste de língua inglesa concebido por *Cambridge English Language Assessment*, a entidade da Universidade de Cambridge responsável pela conceção de instrumentos de avaliação de língua inglesa, em linha com o Quadro Europeu Comum de Referência (QEQR) e com âmbito de aplicação e de validação internacionais.

1.1. Objetivos do projeto

O projeto comporta três objetivos principais:

- a) Diagnosticar e monitorizar o nível de desempenho dos alunos do sistema de ensino português no que à aprendizagem da língua inglesa diz respeito;
- b) Possibilitar aos alunos a obtenção de uma certificação linguística reconhecida internacionalmente nos contextos académico e laboral;
- c) Verificar a exequibilidade da aplicação de instrumentos de avaliação externa da componente oral ao universo de alunos no final de um ciclo de ensino.

1.2. Seleção do teste a aplicar

Dando cumprimento ao Despacho n.º 11838-A/2013, de 10 de setembro, a decisão sobre o teste a aplicar teve como referência e fundamento a filosofia, o âmbito de aplicação e os resultados do mais recente estudo europeu relativo à aprendizagem de uma segunda língua nos sistemas de ensino de 14 países membros da União Europeia: *ESLC (European Survey on Language Competences – Surveylang)*, cujos resultados foram divulgados em junho de 2012.

O estudo aplicou-se por amostra e centrou-se em dois anos de escolaridade, no final da escolaridade básica (ISCED2) e no segundo ano da escolaridade secundária (ISCED3), correspondentes em Portugal aos 9.º e 11.º anos, respetivamente, tendo incidido sobre as componentes da compreensão da escrita e do oral e da produção escrita.

Para uma leitura dos resultados à luz dos níveis de proficiência do QEQR, foi concebido um enquadramento dos referidos níveis e dos níveis definidos pelo estudo, do qual se apresenta, no quadro 1, uma versão adaptada.

Quadro 1 - Enquadramento dos níveis do ESLC e dos níveis do QECR

Nível ESLC		Nível QECR	Definição
Utilizador independente	Independente avançado	B2	Utilizador independente que se expressa clara e eficazmente
	Independente	B1	Utilizador independente que é capaz de comunicar sobre assuntos simples do quotidiano
Utilizador elementar	Elementar avançado	A2	Utilizador elementar que é capaz de usar linguagem simples para comunicar sobre assuntos do quotidiano
	Elementar	A1	Utilizador elementar que é capaz de usar linguagem simples, com ajuda
Utilizador principiante		Pré-A1	Utilizador que ainda não atingiu o nível A1

Adaptado de http://www.surveylang.org/media/ExecutivesummaryoftheESLC_210612.pdf, acessido em 4 de julho de 2014

Em Portugal, o estudo incidiu apenas sobre o desempenho dos alunos do 9.º ano de escolaridade (ISCED2). Os resultados do estudo apontam para uma incidência maioritária de alunos no nível A1 de proficiência linguística (Quadro 2).

Quadro 2 - Percentagem de alunos por Nível ESLC em Portugal

	Pré-A1	A1	A2	B1	B2
Percentagem de alunos por Nível ESLC	20	33	16	16	15

Adaptado de http://www.surveylang.org/media/ExecutivesummaryoftheESLC_210612.pdf, acessido em 4 de julho de 2014

Tendo em conta estes resultados, o teste *Key for Schools* revelou-se o instrumento mais adequado, uma vez que abrange um espectro de certificação entre os níveis A1 e B1 e apresenta características elementares na avaliação da componente oral (não estudada no *SurveyLang*).

O teste foi aplicado, com carácter obrigatório, ao universo de alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade, que dispuseram, opcionalmente, da oportunidade para requerer o certificado. Adicionalmente, atendendo a que se trata de um teste concebido para alunos entre os 11 e os 17 anos de idade e orientado para a

certificação da proficiência linguística, o teste foi também realizado por alunos do 6.º ao 12.º ano de escolaridade.

1.3. Modalidade e calendário de aplicação do teste

O teste *Key for Schools* foi aplicado em duas fases:

- a) Componentes da compreensão da escrita e do oral e produção escrita – 30 de abril de 2014;
- b) Componente oral (interação e produção) – de 31 de março a 15 de junho de 2014, calendarizada em função da disponibilidade das escolas e dos professores classificadores.

Para a aplicação da componente oral e para a classificação das restantes componentes do teste foi desenvolvido um programa de formação e de certificação a professores de Inglês do sistema de ensino português (*Speaking Examiners* e *General Markers*) por *Cambridge English Language Assessment*, com a colaboração do IAVE.

1.4. Caracterização do teste *Key for Schools*

O teste *Key for Schools* tem por referência critérios de validade, fiabilidade e adequação ao propósito de certificação que o tornam único no seu domínio. Desde a sua criação, mais de 1,2 milhões de alunos realizaram o teste em mais de 100 países. Estes factos conferem-lhe um elevado reconhecimento em cerca de 800 instituições de âmbito educacional, empresarial e institucional (sistemas educativos).

O teste *Key for School* avalia as componentes de Leitura e Escrita (*Reading & Writing*, 50% da cotação total) e de Compreensão do Oral e Produção Oral (*Listening* e *Speaking*, representando cada uma 25% da cotação total).

O resultado global do teste é expresso numa escala de 0-100, com linhas de corte fixas para cada nível, conforme a seguir se ilustra.

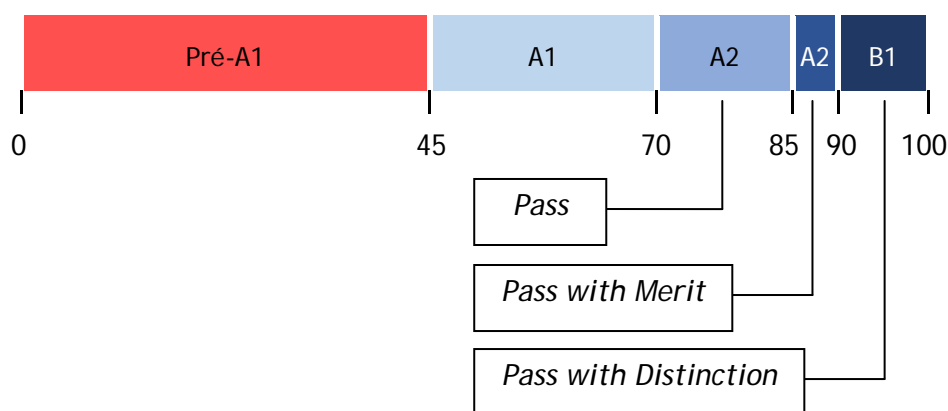


Figura 1 – Escala de medida dos resultados, linhas de corte, níveis de proficiência de acordo com o QECR e menções qualitativas.

Os resultados do teste são disponibilizados por aluno (*Statement of Results*), comportando os seguintes elementos:

- Informação do resultado global;
- Informação descritiva e qualitativa do nível alcançado em cada componente, tendo por referência as seguintes menções: *Exceptional - Good - Borderline - Weak*;
- Um certificado *University Of Cambridge* (quando solicitado), sempre que a pontuação permita alcançar um nível que, de acordo com o QECR, se situe entre A1 e B1.

Os resultados são ainda disponibilizados por escola, com indicação da identificação dos alunos, do seu resultado global, do nível alcançado (de A1 a B1) e da menção obtida (*Pass, Pass with Merit e Pass with Distinction*).

2. Resultados do teste *Key for Schools*

2.1. Caracterização do público-alvo

O teste *Key for Schools* foi aplicado em 1325 estabelecimentos de ensino em Portugal Continental e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, e realizaram-se 3954 sessões de *Speaking*.

Dos 101494 alunos que realizaram o teste, 92% frequentavam o 9.º ano de escolaridade.

De entre os alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade:

- 95% – ensino regular;
- 19,3% – com pedido de certificado.

Os alunos que não frequentavam o 9.º ano e que optaram por se inscrever para a obtenção do certificado representam 8% e estão distribuídos, em relação aos anos de escolaridade que frequentavam, da seguinte forma:

- 3% – 2.º CEB (6.º ano) ou do 3.º CEB (7.º ou 8.º anos);
- 5% – ensino secundário.

2.2. Resultados globais nacionais

A média global do teste, na escala de 0 a 100 pontos, é 66,9, sendo de 65,5 para os alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade.

Considerando os três conjuntos de alunos acima identificados (a frequentar o 9.º ano, por um lado, os 6.º, 7.º e 8.º anos, por outro lado, e ainda os alunos a frequentar o ensino secundário), e observando a distribuição de resultados tendo em atenção as

linhas de corte apresentadas na figura 1, verifica-se que, no grupo de alunos a frequentar o ensino secundário, 95,6% obtém um resultado de nível A2 ou B1, sendo este último nível obtido por 69,1% dos alunos (Fig. 2).

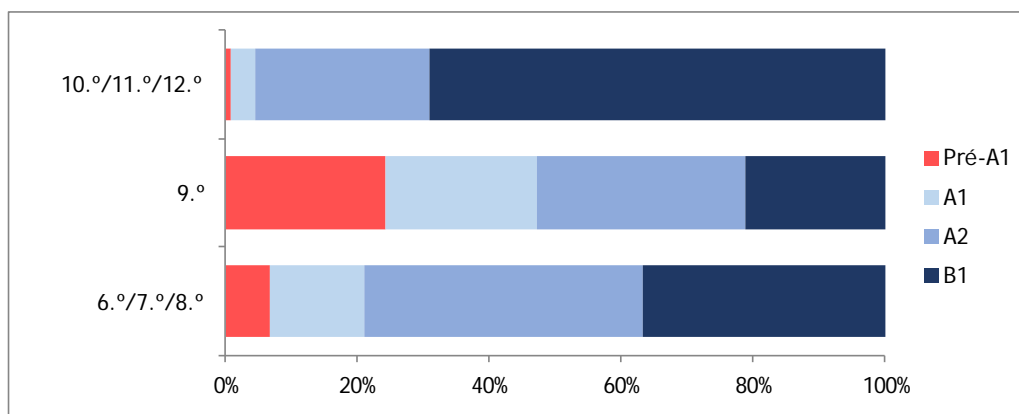


Figura 2 – Distribuição dos resultados por nível de proficiência de acordo com o QECR e por nível de escolaridade dos alunos.

O conjunto de alunos a frequentar um dos níveis de escolaridade que antecedem o 9.º ano apresenta a seguinte distribuição: os níveis Pré-A1 e A1 totalizam 21,1%; os restantes 78,9% repartem-se entre os níveis A2, mais expressivo com 42,2%, e B1, com 36,7%.

Os alunos a frequentar o 9.º ano revelam um desempenho global em que a distribuição pelos quatro níveis considerados deixa sobressair, comparativamente com os grupos anteriores, um maior peso relativo nos níveis Pré-A1 (24,3%) e A1 (22,9%). O nível com maior expressão é o A2, com 31,6%, sendo o nível B1 o menos representativo, com 21,1%.

Nas comparações atrás apresentadas devem ser tidas em conta duas circunstâncias: a primeira, o facto de os dois primeiros grupos (alunos que não frequentavam o 9.º ano de escolaridade) terem uma expressão numérica residual no universo de alunos que realizaram o teste; a segunda, o facto de aqueles dois grupos de alunos terem procedido à sua inscrição para a obtenção do certificado, condição que se reflete positivamente nos resultados alcançados.

Para o universo de alunos que se inscreveram para a obtenção do certificado observa-se uma distribuição de resultados muito similar entre os alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade. Nestes anos, 75% dos alunos obtém uma classificação

igual ou superior a 85 pontos, equivalente às menções *Pass with Merit* (A2) e *Pass with distinction* (B1) (Fig. 3).

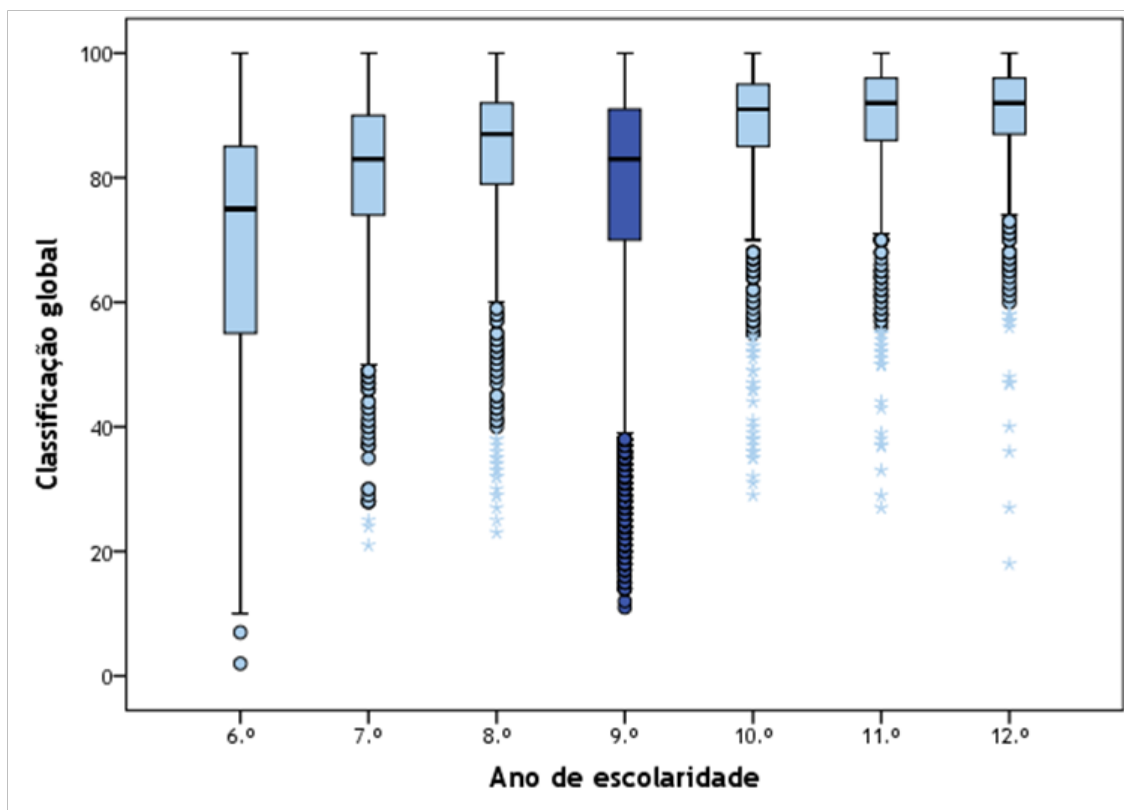


Figura 3 – Distribuição dos resultados dos alunos que solicitaram certificado, por ano de escolaridade.

Os resultados dos alunos do 9.º ano de escolaridade evidenciam uma dispersão superior à dos resultados dos alunos dos 7.º e 8.º anos de escolaridade. Três quartos destes alunos alcançaram uma pontuação igual ou superior a 70 pontos, ou seja, o equivalente aos níveis A2 ou B1. Os resultados dos alunos do 8.º ano mostram ainda um valor correspondente ao percentil 25 equivalente a 79 pontos, 9 pontos acima do observado para o 9.º ano. Mesmo os alunos do 7.º ano de escolaridade apresentam um percentil 25 (74 pontos) ligeiramente superior ao mesmo percentil dos resultados dos alunos do 9.º ano.

Por último, os resultados dos alunos a frequentar o 2.º ciclo são, como expectável, inferiores aos dos outros anos, apresentando a maior dispersão observada nos subconjuntos analisados.

2.3. Resultados específicos dos alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade

Centrando, doravante, a análise nos resultados dos alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade (o principal público-alvo do teste), torna-se evidente o impacto nos

resultados da opção pela inscrição para a obtenção do certificado, como mostra a figura 4: dos alunos que solicitaram o certificado, 90,7% obtiveram certificação e 75,6% atingiram o nível A2 e B1. Dos alunos que não solicitaram o certificado, apenas 47,3% atingiu estes níveis.

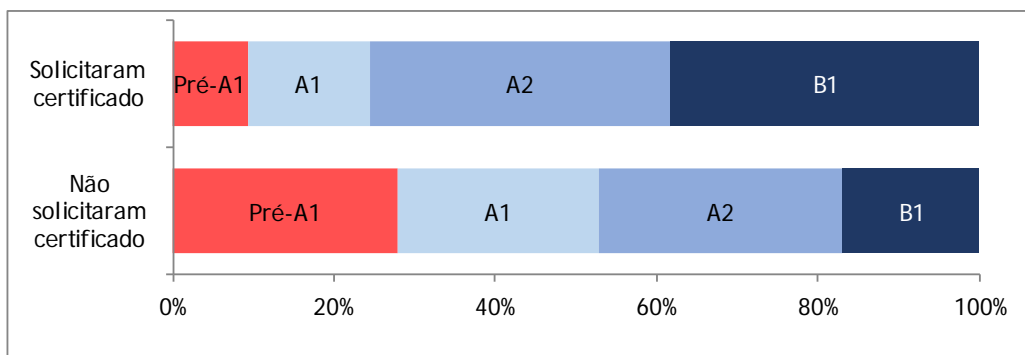


Figura 4 – Distribuição dos resultados dos alunos segundo a situação face à inscrição para a obtenção do certificado.

Uma análise mais pormenorizada dos resultados destes alunos permite identificar dois subgrupos com desempenhos muito diferenciados (Fig. 5). O primeiro, que representa 47,2% do total de alunos, integra os alunos cujo desempenho se situa nos níveis Pré-A1 (inferior a 45 pontos) e A1 (entre 45 e 70 pontos), ou seja, abaixo do nível de referência para o teste em apreço. O segundo, que representa 52,8%, integra os alunos com desempenhos que se podem considerar adequados ou de nível superior ao esperado com a aplicação deste teste. De salientar, neste subgrupo, a existência de 21,1% dos alunos que alcança o nível B1 (pontuação igual ou superior a 90 pontos - menção *Pass with Distinction*) e ainda 16,1% cujo nível se situa entre 80 e 89 pontos (classe que integra os resultados a que corresponde a menção *Pass with Merit*).

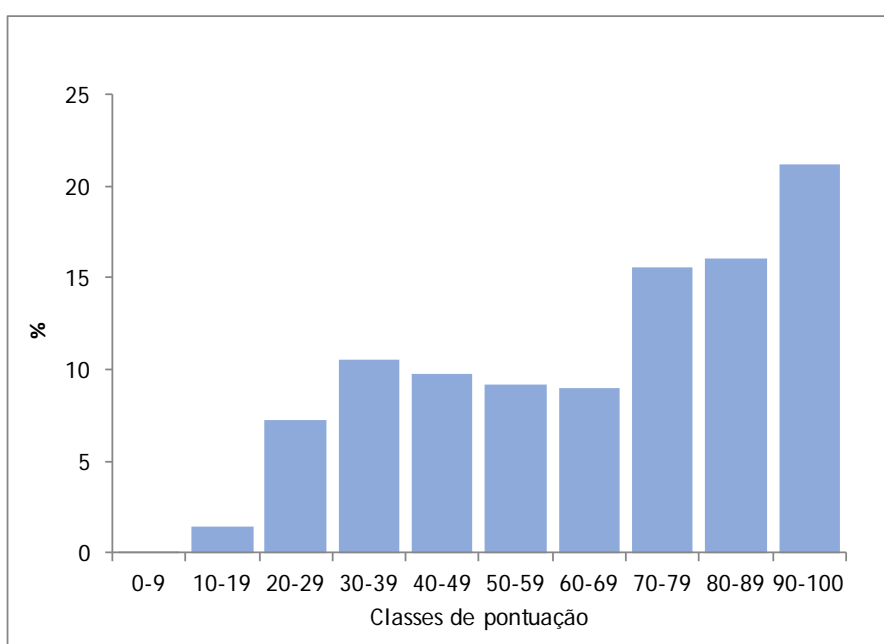


Figura 5 – Distribuição dos resultados dos alunos por classes de pontuação.

No que se refere à análise dos desempenhos dos alunos por componente do teste, observa-se uma forte semelhança na distribuição dos resultados nas componentes de *Reading & Writing* e de *Listening* - cerca de 50% e 47% dos alunos, respetivamente, obtiveram um desempenho considerado *Weak*. Ainda nestas componentes, 16% e 17% dos alunos registam, respetivamente, um desempenho *Borderline*, 10% e 7% um desempenho *Good* e, por último, 24 e 29% um desempenho *Exceptional* (Fig. 6).

De notar que, por um lado, a distribuição dos resultados nas componentes referidas é muito aproximado, em termos percentuais, à distribuição dos resultados globais dos alunos do 9.º ano (ver Figura 2) – 47% dos alunos apresentam um desempenho que os situa nos níveis de proficiência Pré-A1 e A1. Por outro lado, sobressai, pela positiva, o peso relativo de 24% e de 29% de alunos com um desempenho *Exceptional* nas componentes de *Reading & Writing* e *Listening*, respetivamente (Fig. 6).

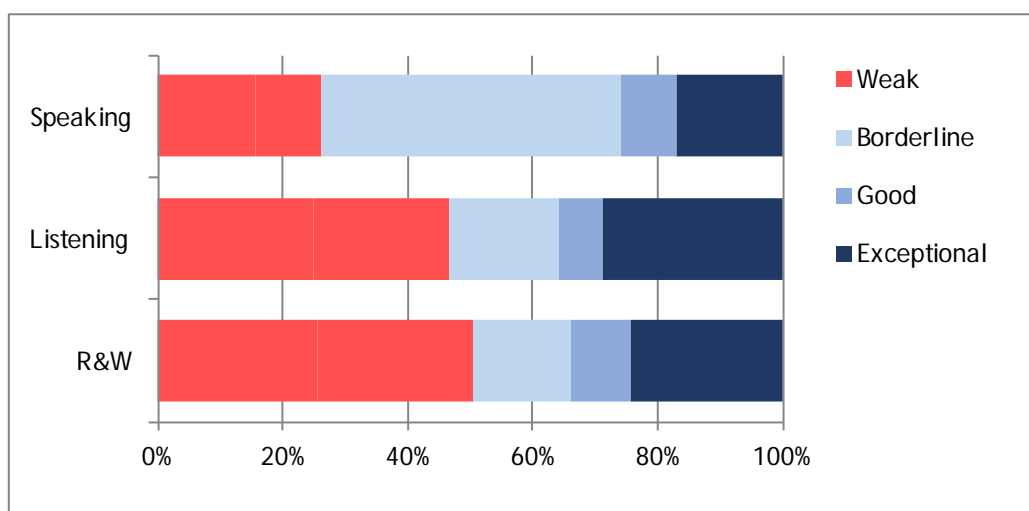


Figura 6 – Distribuição dos resultados dos alunos por componentes do teste – *Reading & Writing, Listening e Speaking*

No que se refere à componente de *Speaking*, destaca-se o peso relativo de alunos com um desempenho *Borderline* (48%). Com um desempenho *Weak*, por um lado, e conjuntamente com um desempenho *Good* e *Exceptional*, por outro lado, regista-se o mesmo valor percentual – 26%.

2.4. Distribuição geográfica dos resultados dos alunos a frequentar o 9.º ano de escolaridade, por NUTS III

A expressão territorial dos resultados, tendo por referência a unidade geográfica de análise NUTS III, mostra uma importante diferenciação espacial.

A distribuição dos resultados dos alunos que obtiveram uma classificação igual ou superior a 70 pontos, equivalente aos níveis de proficiência linguística A2 e B1,

calculado em valor índice (média nacional igual a 100), faz sobressair uma forte amplitude entre o valor máximo (129 – Grande Lisboa) e o mínimo (Tâmega – 61).

No universo das 30 NUTS III podem identificar-se 3 conjuntos, cada um integrando igual número de unidades territoriais: um conjunto com valores que se evidenciam positivamente em relação ao índice 100; um conjunto que se distribui em torno do valor médio (entre 90 e 110); e um último conjunto que integra as NUTS III com um valor índice mais expressivamente abaixo do valor médio (Fig. 7).

No primeiro conjunto, destacam-se a Grande Lisboa e o Baixo Mondego, com um índice acima de 120. Completam este primeiro grupo as NUTS III de áreas urbanas como Grande Porto, Península de Setúbal, Litoral a norte de Lisboa, Vale do Tejo, R. A. da Madeira e Beira Interior Sul.

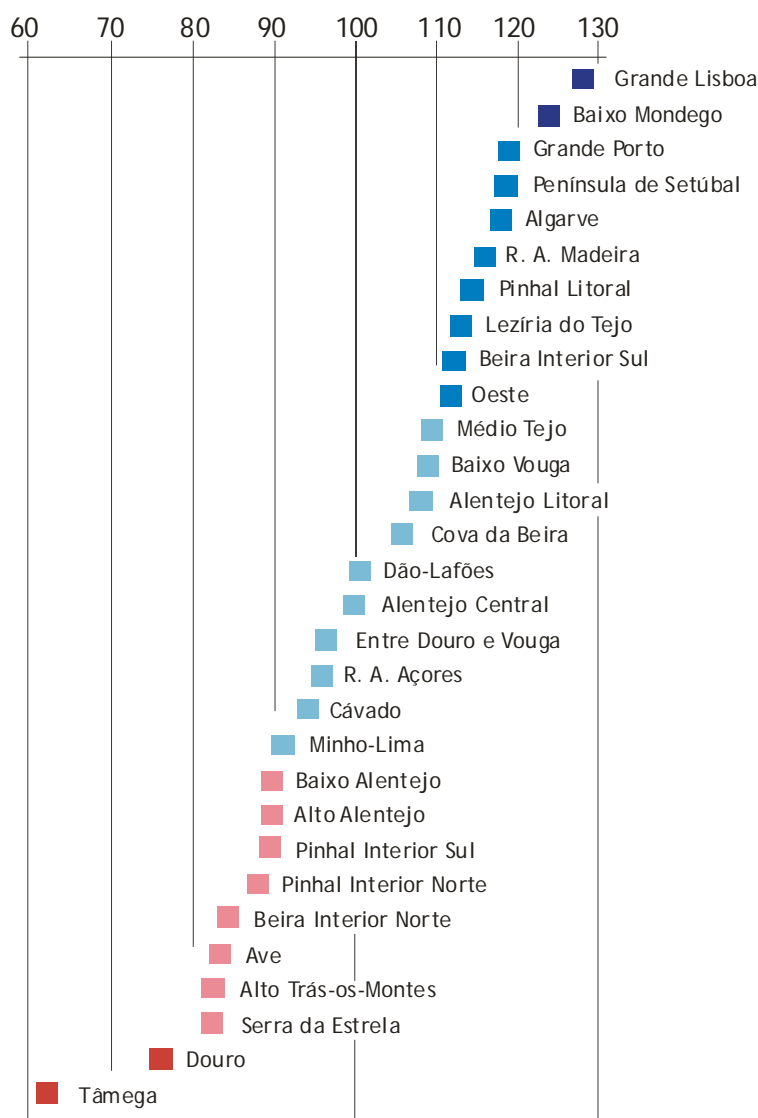


Figura 7 – Distribuição dos resultados dos alunos com nível A2 e B1 por NUTS III, em valor índice.

Com valores próximos do índice 100, surgem unidades territoriais com um padrão espacial mais disperso: Alentejo (Litoral e Central), eixo composto por NUTS III localizadas em torno do vale do rio Vouga, Cova da Beira, noroeste (Cávado e Minho-Lima) e R. A. dos Açores.

Por último, o conjunto expressivamente abaixo do valor médio, com as NUTS III do Tâmega e do Douro a apresentarem valores entre 60 e 80, no qual se integram, entre outras, NUTS III do sul e interior do país, como o Baixo e o Alto Alentejo, a Beira Interior Norte ou Alto-Trás-os-Montes ou a área do Pinhal Interior.

A distribuição atrás descrita reflete-se numa distribuição dos resultados por nível de proficiência linguística, em que a maior dispersão se expressa nos resultados dos alunos com nível Pré-A1, por um lado, e dos alunos cujo desempenho corresponde aos níveis A2 e B1, pelo outro, conforme se pode observar na figura 8.

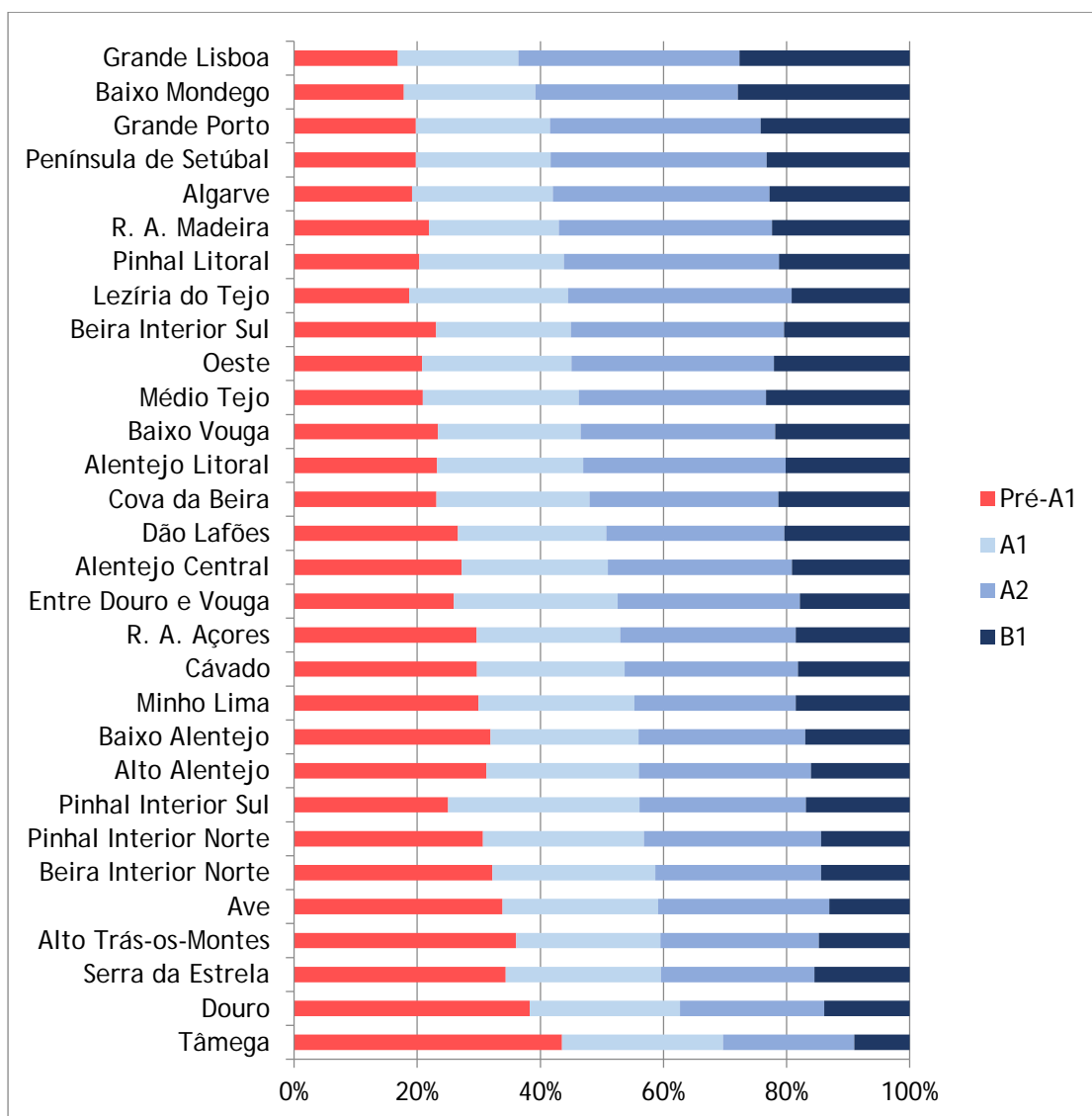


Figura 8 – Distribuição da percentagem de alunos por nível de proficiência e por NUTS III.

3. Considerações finais

Os resultados obtidos pelos alunos permitem inferir que os objetivos estabelecidos inicialmente foram alcançados, nomeadamente o diagnóstico e a monitorização do desempenho dos alunos, a exequibilidade da avaliação externa da componente oral e a certificação, internacionalmente reconhecida, da proficiência em língua inglesa dos alunos do sistema de ensino nacional.

Cabe aqui destacar o papel dos diversos intervenientes que permitiram a concretização do projeto: nas escolas, todos os que asseguraram as condições para que a aplicação decorresse de acordo com as normas do projeto, nomeadamente os diretores de escola e os gestores de projeto; os *Team Leaders* que garantiram a formação, a certificação e o acompanhamento dos *Examiners*, com quem, no terreno, levaram a cabo as tarefas de aplicação e classificação do teste.

A aplicação da componente oral foi condicionada pela relação entre o elevado número de sessões a realizar e os limitados meios humanos disponíveis para o efeito, sendo de salientar o sentido de cumprimento do dever e a capacidade de trabalho demonstrados pelos *Team Leaders* e pelos *Speaking Examiners* que garantiram, com a sua dedicação pessoal e o seu empenho profissional, a realização de todas as sessões previstas. Também a classificação dos itens das restantes componentes do teste, executada num formato *computer-based*, a partir de uma plataforma digital gerida pelos serviços de *Cambridge English Language Assessment*, foi concretizada pelos *General Markers* que participaram ativamente na tarefa, assegurando padrões de elevada qualidade.

Consolidada a experiência de aplicação do teste *Key for Schools*, face aos resultados obtidos com esta avaliação externa e tendo presente o quadro da valorização social que uma certificação de proficiência linguística promove, considera-se, agora, que estão criadas condições para a aplicação, desejavelmente no próximo ano letivo, do teste PET – *Preliminary English Test for Schools*.

O PET abrange os níveis de certificação de A2 a B2, sendo, por isso, a opção mais consentânea com a progressiva afirmação de uma matriz curricular assente numa aprendizagem do inglês se inicia no 5.º ano de escolaridade.

Outras recomendações que são sustentadas pela análise dos resultados prendem-se com a definição e aplicação de medidas de apoio pedagógico específicas para os alunos cujos resultados se situaram, no teste *Key for Schools*, nos níveis Pré-A1 e A1.

Em termos futuros, deve equacionar-se, desde já, uma evolução da certificação da proficiência linguística que possa criar as condições para uma aplicação bem sucedida do teste *FCE for Schools (First Certificate of English)* para os alunos do sistema de ensino português, no final da escolaridade obrigatória.